

Orações interrogativas com *qual*: análise gramatical e variação português europeu / português brasileiro¹

Interrogative clauses with qual 'which': grammatical analysis, and variation between European and Brazilian Portuguese

Recebido: 09/03/2024

Aceite: 17/07/2024

Publicado: 23/12/2024

Telmo Móia

Universidade de Lisboa (Portugal)

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (Portugal)

telmomoia@gmail.com | tmoia@letras.ulisboa.pt

ABSTRACT: This paper discusses the distribution of the interrogative morpheme *qual* 'which' in direct and indirect questions, considering four main types of syntactic contexts: equative predications (*qual [ser NP]* 'which [be NP]'), partitive constructions (*qual de NP* 'which of NP'), constructions with adnominal *qual* (*qual N'* 'which N'), and constructions with *qual* combined with null nominal forms (*qual []_{N'/deNP}* 'which []_{N'/ofNP}'). The prevalence of each construction and of additional grammatical phenomena, such as sluicing, insertion of *é que* and omission of the second NP in equative constructions, is evaluated using data from extensive corpora of newspaper texts. Aspects of the variation between European Portuguese (EP) and Brazilian Portuguese (BP) are also explored in some detail; these involve mainly the use of adnominal *qual*, a form that is extremely frequent in BP and almost residual in EP, except in direct questions superficially coinciding with the interrogative constituent. The role of three grammatical factors that seem to favour the use of adnominal *qual* in contemporary EP is also assessed: presence of prepositions in the interrogative constituent, spelling out of alternative answers, and establishment of anaphoric links with preceding nominal expressions. The analyses take into account data from Portuguese literary texts from the 16th to the 20th centuries. The competition between the equivalent forms *qual N'* and *que N'* in Brazilian Portuguese is also briefly examined.

KEYWORDS: *Qual* ('which'); Interrogative pronouns; Interrogative constituents; Interrogative clauses; Determiners; Language variation.

RESUMO: Este artigo discute a distribuição do morfema interrogativo *qual* em interrogativas diretas e indiretas, considerando quatro grandes tipos de contextos sintáticos: predicções equativas (*qual [ser SN]*), construções partitivas (*qual de SN*), construções com *qual* adnominal (*qual N'*) e construções com *qual* associado a formas nominais nulas (*qual []_{N'/deSN}*). Avalia-se, a partir de dados de extensos *corpora* de texto jornalístico, a prevalência de cada contexto e de fenómenos gramaticais suplementares, como o truncamento de toda a frase após o constituinte interrogativo (*sluicing*), a inserção

¹ Este trabalho foi financiado com verbas do Projeto Estratégico do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, UIDB/00214/2020.

de *é que* e a omissão do segundo SN em construções equativas. Exploram-se ainda, com algum pormenor, aspetos da variação português europeu (PE) / português brasileiro (PB), que envolvem essencialmente o uso de *qual* adnominal, forma muito frequente em PB, mas quase residual em PE, a não ser em interrogativas diretas superficialmente coincidentes com o constituinte interrogativo. É ainda avaliado o papel de três fatores que parecem favorecer o uso de *qual* adnominal em PE contemporâneo: a presença de preposições no constituinte interrogativo, a explicitação de alternativas de resposta e o estabelecimento de ligações anafóricas a expressões nominais precedentes. Nas análises, têm-se em conta, suplementarmente, dados de texto literário português dos séculos XVI a XX. É ainda brevemente avaliada a competição entre as formas equivalentes *qual* N' e *que* N' em português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: *Qual*; Pronomes interrogativos; Constituintes interrogativos; Orações interrogativas; Determinantes; Variação linguística.

Introdução

Este trabalho discute a distribuição e aspetos de variação intralinguística do morfema interrogativo *qual*. Tradicionalmente, este morfema é classificado – a par do seu equivalente *que*, exemplificado em (2) – como um pronome interrogativo adjetivo ou adjunto (cf. e.g. Silva Dias, 1894 [1876]: 34; Figueiredo & Ferreira, 1973 [1965]: 219)², por poder ocorrer adnominalmente como parte de um SN, na sequência [_{SN} *qual* N'] – cf. (1).

- (1) De [_{SN} qual cidade italiana] gostas mais, Florença ou Veneza?
- (2) De [_{SN} que cidade italiana] gostas mais, Florença ou Veneza?

O estatuto categorial deste morfema *qual* (e bem assim de *que*, em *que* N') é objeto de discussão na literatura. Os autores oscilam geralmente entre uma classificação como determinante (especificador) ou como adjetivo (modificador), registando-se grande variação terminológica.³ Não me ocuparei aqui desta

² Silva Dias (1894 [1876]) divide os pronomes em “substantivos” e “adjetivos” (consoante sejam formas pró-SN ou parte integrante de um SN maior, respetivamente); a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, de 1967, divide os pronomes de forma afim, com as designações de “absolutos” e “adjuntos”, respetivamente.

³ Brito (2003: 464, 474) classifica *qual* como “especificador” e como “quantificador”. Barbosa, Santos & Veloso (2013: 2540) classificam-no como “determinante” e como “especificador-determinante”. A classificação de formas afins de outras línguas também evidencia variação terminológica: Payne & Huddleston (2002: 356, 397) denominam o morfema inglês *which* (em *which* N') como “interrogative determinative”; Grevisse (1993 [1936]: 925) denomina o morfema francês *quel* (em *quel* N') como

questão.

O morfema *qual* tem uma distribuição muito variada, que será considerada em pormenor na secção 1, ocorrendo frequentemente como genuíno pró-SN em predicacões equativas (numa das análises possíveis destas construções, que aqui adoto, assumindo a estrutura argumental SER (x_{SN} , y_{SN}) para o verbo *ser* de identidade, de que *qual* é um dos argumentos).

- (3) [_{SN} Qual] é a cidade italiana mais bonita, na tua opinião: Florença ou Veneza?

Considerarei que em frases como (3) não existe elipse nominal, sendo o morfema *qual* classificável, segundo a terminologia tradicional, como pronome substantivo ou absoluto. *Qual* não é tradicionalmente classificado como tal (cf. e.g. Silva Dias, 1894 [1876]: 34), mas na análise aqui adotada, tem de facto uma variante substantiva (pró-SN), que é a ilustrada em (3).

O morfema interrogativo *qual* tem especial interesse gramatical pela diversidade de contextos em que pode surgir e porque, no seu uso adnominal ilustrado em (1), documenta uma interessante área de variação entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) contemporâneos, insuficientemente caracterizada na literatura, na minha opinião, e que será explorada em pormenor na secção 3. Sobre esta variação, Barbosa, Santos & Veloso (2013: 2542) comentam: “no português do Brasil, é mais comum do que em português europeu a ocorrência de *qual* em construções não partitivas”; “em português europeu, *qual* tende a ocorrer mais frequentemente em contextos particulares”. De entre os contextos mencionados por estes autores, interessam aqui apenas dois, ilustrados em (4) e (5):

- (4) A - Traz-me aí os livros! B - Quais livros? (Barbosa, Santos & Veloso, 2013: 2542)
- (5) O teu pai deu-te qual livro? (Barbosa, Santos & Veloso, 2013: 2542)

“déterminant interrogatif”; Fava (1995: 90) denomina o morfema italiano *quale* (em *quale* N') como “aggettivo interrogativo”.

Sobre as construções com *qual* adnominal, Brito (2003: 464, n. 34) observa que “certos gramáticos consideram que *qual* não deve ser usado seguido de nome [*quais livros compraste?*] e preferem o seu emprego em frases interrogativas predicativas como em *Qual é o hotel?* ou em construções partitivas como *Qual dos senhores...?*”. Esta autora coloca pois a questão em termos de aceitabilidade ou gramaticalidade, não apenas de menor frequência, um aspeto a que voltarei adiante.

O presente trabalho considera centralmente dados obtidos em *corpora* de texto jornalístico (ou predominantemente jornalístico) contemporâneo, português e brasileiro, nomeadamente: (i) o CETEMPúblico, com cerca de 195 milhões de palavras, para o português europeu, e (ii) o NILC/São Carlos, com cerca de 34 milhões de palavras, para o português brasileiro.

1. Contextos de ocorrência do morfema interrogativo *qual* - uma tipologia de construções

O morfema interrogativo *qual* ocorre em diferentes tipos de construções.⁴ A classificação destes usos de *qual*, ou das suas contrapartidas noutras línguas românicas, apresenta elevada variação terminológica na literatura, que aqui ignorarei, utilizando designações próprias (inspiradas em diversas propostas). Creio que são de distinguir quatro tipos de morfema interrogativo *qual*, o primeiro ilustrando um uso de *qual* como pronome substantivo ou absoluto (i.e. pró-SN) e os restantes três usos de *qual* como pronome adjetivo ou adjunto (isto é, elementos constituintes de um SN maior):

⁴ *Qual* também ocorre com frequência noutras construções que não serão aqui consideradas, nomeadamente em exclamativas (e.g. *Qual calma, qual carapuça!*) e em comparativas *lato sensu*, expressando um valor de semelhança, não de grau, parafraseável por *como se fosse* (e.g. *ela vaticina o futuro qual sibila*).

Tipo A. *Qual* como genuíno pró-SN em predicacões equativas - [_{SN} *qual*](*ser* SN)

(6) Qual é a capital de Itália?

Tipo B. *Qual* em estruturas partitivas, isto é, aplicado a um SN preposicionado (com *de*) - [_{SN} *qual de* SN]

(7) Qual das cidades que visitaste achaste mais interessante?

Tipo C. *Qual* adnominal interior ao SN, isto é, aplicado a um constituinte N' explícito - [_{SN} *qual* N']

(8) Qual cidade achaste mais interessante, Florença ou Veneza?

Tipo D. *Qual* isolado no constituinte interrogativo (CI), isto é, ocorrendo superficialmente como pró-SN, mas associado a uma estrutura nominal elidida (teoricamente analisável como *de* SN, como no tipo B, ou como N', como no tipo C, e representada aqui, por facilidade, como N*) - [_{SN} *qual* [N*]]⁵

(9) Visitaste três cidades italianas. Qual achaste mais interessante?

Concentrar-me-ei neste trabalho na ocorrência de constituintes interrogativos com *qual* em posição inicial de frase, como nos exemplos acima (que é, aliás, a posição mais comum). Porém, estes quatro tipos de *qual* também podem aparecer em posições não iniciais, como nos exemplos seguintes, para cada um dos subtipos, respetivamente: *O vinho que queres que leve é qual?*; *Gostas mais de qual destes livros?*; *Aceitaste qual proposta?*; *Visitaste três cidades. Gostaste mais de qual?*

Cada um dos quatro tipos A a D pode ser subdividido em função de certos

⁵ Sobre a possibilidade de elipse de ambos os tipos de estruturas nominais, veja-se: (i) *metade* [*dos eleitores*]; *foi votar e metade* []; *ficou em casa*; (ii) *nesta secção de voto, trezentos* [*eleitores*]; *votaram no partido A e duzentos* []; *no partido B*. Sobre a ocorrência de diferentes tipos de determinantes e quantificadores nestas posições dentro do SN, cf. Peres (2013: 754-760).

parâmetros gramaticais. Passo a descrever e exemplificar brevemente os que interessarão mais aqui.

Para o grupo A, das predicções equativas, destaco um parâmetro subclassificatório: a realização ou não do verbo *ser* de identidade, separando duas construções, ambas extremamente frequentes: predicções equativas com verbo *ser* realizado – cf. (10) – e predicções equativas com verbo *ser* omissa – cf. (11).⁶

(10) O diretor perguntou [_{SN} quais] são [_{SN} os projetos que vão ser financiados].

(11) O diretor perguntou [_{SN} quais] [_{SN} os projetos que vão ser financiados].

Note-se que o segundo SN da predicção equativa (*os projetos que vão ser financiados*) também pode estar elidido, se houver um antecedente adequado. Esta elisão ocorre em estruturas tanto com o verbo *ser* expresso como com o verbo *ser* omissa, como nos seguintes dois exemplos, respetivamente.

(12) Vários projetos vão ser financiados. O diretor perguntou [_{SN} quais] são.

(13) Vários projetos vão ser financiados. O diretor perguntou [_{SN} quais].

Para os grupos B a D, considerarei dois parâmetros subclassificatórios: (i) presença ou não de preposição no constituinte interrogativo; note-se que nas predicções equativas (grupo A) o constituinte interrogativo não pode ser preposicionado, mas nas restantes predicções pode; (ii) realização ou omissão da estrutura frásica após o constituinte interrogativo (e.g. *De certeza que gostaste mais de um dos dois vinhos que nos deram a provar. [Não sei] de qual gostaste mais. vs.*

⁶ Não considerarei neste trabalho uma construção, discutivelmente analisável como uma variante de (11), em que se realiza apenas o segundo SN da predicção equativa, sem o morfema interrogativo *qual*: *o diretor {perguntou / não sabe / não disse} os projetos que vão ser financiados*. As estruturas dependentes dos verbos *perguntar*, *saber* e *dizer* em frases como esta podem ser analisadas como estruturas proposicionais sem verbo e são referidas na literatura como *concealed interrogatives* (Baker, 1968), “interrogativas encobertas” (cf. e.g. Júnior, 2019) ou “interrogativas reduzidas” (Peres & Mória, 1995: 92).

[*Não sei*] de qual ~~gostaste mais~~.); note-se que o constituinte interrogativo pode surgir isolado, como a única parte visível da oração interrogativa, na chamada construção de *sluicing*, ou truncamento (cf. e.g. Ross, 1969, Merchant, 2001; Suñer, 1999).⁷ A combinação dos dois parâmetros em causa gera quatro subgrupos dentro de B e C e três grupos dentro de D. Por simplificação, no Quadro 1 adiante, não registarei os dados obtidos para o primeiro parâmetro para os grupos B e D, já que, ao contrário do que acontece no grupo C, ele não parece ser particularmente relevante. Vejamos cada caso separadamente.

Nas construções do grupo B, *qual* aplica-se a um SN preposicionado em construções partitivas, isto é, na combinação *qual de* SN.⁸ O constituinte interrogativo pode ser não preposicionado ou preposicionado, como nos dois exemplos a seguir, respetivamente:

(14) O diretor perguntou [_{SN} quais dos projetos] vão ser financiados.

(15) O diretor perguntou [_{SP} a quais dos projetos] iria ser atribuído financiamento.

Em qualquer dos dois casos, a oração interrogativa pode ser realizada apenas sob a forma de constituinte interrogativo, estando tudo o resto truncado:

(16) Vários projetos vão ser financiados. O diretor perguntou [_{SN} quais deles].

(17) Vai ser atribuído financiamento a vários projetos. O diretor perguntou [_{SP} a quais deles].

Nas construções do grupo C, *qual* aplica-se adnominalmente a um N' explícito, ocorrendo dentro do SN, na posição típica dos especificadores, em

⁷ O termo *sluicing* tem sido por vezes usado para referir qualquer forma de truncamento de toda a frase após o constituinte interrogativo, quer este constituinte seja simples (*quem, qual, onde,...*), como acontece porventura nas estruturas mais prototípicas, quer contenha elementos nominais (*que/qual pessoa, quantas pessoas,...*).

⁸ Ainda que não seja um quantificador, estando antes mais próximo de um determinante, *qual* tem, neste caso, uma distribuição sintática semelhante à de vários quantificadores - cf. e.g. *alguns [deles], cinco [deles], muitos [deles], metade [deles], parte [deles]*.

sequências com a forma *qual* N'.

(18) O diretor perguntou [_{SN} quais projetos] vão ser financiados. (#PE)

(19) O diretor perguntou [_{SP} a quais projetos] iria ser atribuído
financiamento.

Como já foi dito (cf. (1) vs. (2) acima, e ainda a secção 3.4 adiante), o morfema *qual* em *qual* N' é um equivalente sintático e semântico do morfema interrogativo *que* em *que* N'. Veremos melhor mais tarde que a distribuição deste morfema *qual* é fortemente condicionada em PE contemporâneo, muito mais do que em PB, um aspeto mencionado, mas pouco desenvolvido na literatura. O morfema *qual* adnominal sem truncamento da frase após o constituinte interrogativo - como em (18) e (19) - é muito comum em PB (podendo as estruturas preposicionadas ser sentidas como algo formais); aparentemente, foi mais comum em PE no passado (pelo menos, há bastantes abonações dele em autores clássicos portugueses - cf. secção 3.3), mas caiu praticamente em desuso em PE contemporâneo, principalmente quando o constituinte interrogativo não é preposicionado, como em (18), a ponto de essa frase poder soar pouco natural aos ouvidos dos falantes portugueses.

Nas construções do tipo C, a oração interrogativa também pode ser realizada apenas sob a forma de constituinte interrogativo, estando tudo o resto truncado. Vejam-se exemplos, em (20) e (21), com interrogativas indiretas (alíneas a) e diretas (alíneas b). Curiosamente, o uso de *qual* adnominal com truncamento da frase é bastante comum em PE contemporâneo, principalmente em interrogativas diretas com constituintes interrogativos não preposicionados (como em (20b)).

(20) a. A - Vários projetos vão ser financiados. O diretor perguntou [_{SN}
quais projetos].

b. A - Vários projetos vão ser financiados. B - Quais projetos?

- (21) a. Vai ser atribuído financiamento a vários projetos. O diretor perguntou [_{SP} a quais projetos].
b. A - Vai ser atribuído financiamento a vários projetos. B - A quais projetos?

Finalmente, nas construções do grupo D, *qual* aparece isolado no constituinte interrogativo em predicacões tipicamente não equativas, isto é, ocorre superficialmente como pró-SN. Porém, o morfema interrogativo aplica-se (plausivelmente) a uma expressão nominal elíptica, ligada anaforicamente a uma expressão nominal precedente, pelo que considerarei que é um pronome do tipo adjunto e não absoluto.⁹

- (22) Estava a falar-se dos projetos submetidos.
O diretor perguntou [_{SN} quais [N*]] vão ser financiados.
(23) Estava a falar-se dos projetos submetidos.
O diretor perguntou [_{SP} a quais [N*]] vai ser atribuído financiamento.

Como já foi referido brevemente, estas construções admitem teoricamente duas análises subjacentes distintas do constituinte interrogativo: com elipse de *de* SN, com antecedente *os projetos financiados* em (22)-(23), ou com elipse de N', com antecedente *projetos financiados* em (22)-(23). Consoante a análise, estas construções do grupo D seriam análogas às do grupo B ou do grupo C, respetivamente. Não tentarei aqui determinar se uma das análises é gramaticalmente mais bem motivada que a outra, representando a categoria elidida, por simplificação, como N*.¹⁰

Nestas construções, também pode haver truncamento de toda a sequência frásica pós-constituinte interrogativo. Ilustra-se a seguir o caso com constituinte interrogativo preposicionado, isto é, paralelo a (23):

⁹ A expressão nominal não realizada pode também ser interpretada deiticamente. Considere-se um contexto em que alguém mostra dois quadros a um amigo, perguntando: *De qual gostas mais?*, ou *Sabes qual é o meu preferido?*

¹⁰ Neves (1999: 539) ou Barbosa, Santos & Veloso (2013: 2542) defendem uma análise destas construções com elipse de N'.

(24) Vai ser atribuído financiamento a vários projetos. O diretor perguntou [SP a quais].

Teoricamente, *qual* isolado no constituinte interrogativo também pode ser associado a constituintes interrogativos não preposicionados, mas nesse caso a construção é indistinta de uma predicação equativa com omissão do verbo *ser* de identidade e do segundo SN, como a de (13) acima, repetida a seguir:¹¹

(25) Vários projetos vão ser financiados. O diretor perguntou [SN quais].

Nas contagens por grupos e subgrupos que realizei na secção 2, apresentadas no Quadro 1, contabilizei as construções do tipo de (25) – aliás, bastante comuns – como variantes da construção equativa, isto é, dentro do grupo A (com *ser* omissa) e não dentro do grupo D.

2. A distribuição contemporânea do morfema interrogativo *qual* - dados de *corpora* de texto jornalístico português e brasileiro

2.1. Aspectos gerais e metodologia

Para apurar dados sobre a frequência dos diferentes tipos de *qual* interrogativo, pesquisei sistematicamente *corpora* de texto jornalístico (ou predominantemente jornalístico) português (CETEMPúblico) e brasileiro (NILC/São Carlos). De forma a ter um volume de dados manejável, mas ainda assim suficientemente representativo, fiz duas pesquisas sistemáticas com limitações nas *queries*, que captam amostras representativas de interrogativas indiretas e de interrogativas diretas: Pesquisa 1 e Pesquisa 2, adiante. O número total de interrogativas obtidas (e analisadas) é 12.169 para o PE eu e 2.886 para o PB. Os resultados são apresentados no Quadro 1. Note-se que, nesse quadro, os valores apresentados entre parênteses curvos correspondem às estruturas com

¹¹ Note-se que havendo preposição, como em (24), não há coincidência possível com predicções equativas, visto que estas não ocorrem com constituintes interrogativos preposicionados.

truncamento da parte pós-constituente interrogativo, ou *sluicing*, sinalizadas como "(+ CI isolado)". As pesquisas realizadas foram:

Pesquisa 1 (conjunto de *queries* que captam uma amostra extensa de interrogativas diretas). Sequências começadas por *qual/quais* com maiúsculas ou com preposições escritas com maiúscula seguidas imediatamente de *qual/quais*: várias subpesquisas de "Qual|Quais"¹² e "A|Ante|Após|Até|Com|Contra|De|Desde|Em|Entre|Para|Perante|Por|Sem|Sob|Sobre" "qual|quais". Todos os resultados foram analisados e categorizados individualmente de modo a eliminar estruturas irrelevantes (e.g. exclamativas).

Pesquisa 2 (conjunto de *queries* que captam uma amostra extensa de interrogativas indiretas). Sequências com três dos verbos que mais comumente selecionam interrogativas indiretas (*perguntar*, *saber* e *dizer*) imediatamente adjacentes ao morfema interrogativo *qual/quais* ou separados dele por uma preposição:

[lema="perguntar|saber|dizer"] "qual|quais";

[lema="perguntar|saber|dizer"] [pos="PRP.*"] "qual|quais".

Obteve-se um total de 4605 registos relevantes: 3.874 de PE e 731 de PB. Todos os resultados obtidos foram analisados e categorizados individualmente, com uma exceção: no caso de *saber* imediatamente adjacente a *qual/quais*, no CETEMPúblico, o número de ocorrências é muito elevado (3.074); nesse caso, e apenas nele, foi considerada uma amostra (os primeiros 500 resultados), sendo os valores projetados proporcionalmente no total; os valores obtidos por projeção são sinalizados no Quadro 1 com o símbolo "≈".

2.2. Resultados das pesquisas em corpora

¹² A pesquisa simples "Qual|Quais" gera um volume de resultados difícil de manejar. Por isso, optei por subpesquisas direcionadas aos tipos relevantes de construções: para o tipo A com verbo *ser* realizado, "Qual|Quais" [lema="ser|estar|dever|poder|ir|vir|ter|haver"]; para o tipo A com verbo *ser* omissivo, "Qual|Quais" "o|a|os|as|sua|seu|suas|seus" (+ pesquisas excluindo elementos à direita do morfema interrogativo para captar as formas isoladas *Qual? Quais?*); para o tipo B, "Qual|Quais" "de.*|dos|das"; para o tipo C, "Qual|Quais" [pos="N.*" & pos!="NUM.*"] (+ pesquisa "Qual|Quais" "outr.*"); para o tipo D, "Qual|Quais" [pos="V.*" & lema!="ser"].

Os resultados das pesquisas realizadas estão sumariados no Quadro 1.

QUADRO 1 - Distribuição do morfema interrogativo *qual* por subtipos de construções em interrogativas diretas iniciadas por maiúscula e interrogativas indiretas imediatamente adjacentes a *perguntar*, *saber* e *dizer*, nos corpora CETEMPúblico (PE) e NILC/São Carlos (PB)

tipo de <i>qual</i>		pronome substantivo		pronome adjetivo				TOTAL
		A <i>qual</i> pró-SN (em construções equativas): [SN <i>qual</i>]		B <i>qual</i> em estruturas partitivas: [SN <i>qual de</i> SN] (+ CI isolado)	C <i>qual</i> adnominal interior ao SN: [SN <i>qual</i> N']		D <i>qual</i> isolado no constituinte interrogativo: [SN <i>qual</i> [N*]] (+ CI isolado)	
		<i>ser</i> realizado	<i>ser</i> omissivo (+ CI isolado)		CI _[-PREP] (+ CI isolado)	CI _[+PREP] (+ CI isolado)		
Interrogativas diretas <i>Qual</i> / <i>P qual... ?</i> (frases iniciadas por maiúsculas)	PE	5662	2077 (+214)	140 (+11)	4 (+144)	3 (+3)	31 (+6)	8295
		7953 (95,9%)		151 (1,8%)	154 (1,9%) 7 em CI não isolado (0,1% do total)		37 (0,4%)	
	PB	972	993 (+35)	48 (+6)	60 (+14)	17 (+5)	5 (+0)	2155
		2000 (92,8%)		54 (2,5%)	96 (4,5%) 77 em CI não isolado (3,6% do total)		5 (0,2%)	
Interrogativas indiretas <i>perguntar</i> / <i>saber</i> / <i>dizer</i> (<i>P</i>) <i>qual</i> (imediatamente adjacentes)	PE	≈1892	≈1658 (+≈137)	≈142 (+≈2)	5 (+3)	2 (+0)	≈34 (+≈1)	3874
		≈3685 (95,1%)		≈144 (3,7%)	10 (0,3%) 7 em CI não isolado (0,2% do total)		≈35 (0,9%)	
	PB	350	218 (+22)	18 (+0)	92 (+4)	16 (+4)	7 (+0)	731
		590 (80,7%)		18 (2,5%)	116 (15,9%) 108 em CI não isolado (14,8% do total)		7 (0,9%)	
TOTAL	PE	11631 (95,6%)		295 (2,4%)	171 (1,4%) 14 em CI não isolado (0,1% do total)		72 (0,6%)	12169
	PB	2590 (89,7%)		72 (2,5%)	212 (7,4%) 185 em CI não isolado (6,4% do total)		12 (0,4%)	2886

(Fonte: elaborado pelo autor)

Os dados sobre as construções dos grupos A, B e D serão analisados seguidamente. Discutirei primeiro os grupos B e D, que são mais simples, e depois A, que é ligeiramente mais complexo. Farei ainda algumas observações sobre factos que não estão registados no Quadro 1, nomeadamente a taxa de inserção de *é que* em interrogativas com *qual*. Os dados do grupo C - que são os mais interessantes e aqueles em que se observa maior variação PE/PB - serão analisados numa secção autónoma (secção 3).

Quanto às construções do grupo B (*qual* partitivo), apenas observarei que elas são usadas tanto em PE como em PB, com taxas de frequências relativamente modestas, globalmente quase idênticas nas duas variedades, em torno de 2,5% (do total de interrogativas com *qual*). Em PE, observa-se uma ligeira diferença de frequência nas interrogativas indiretas vs. interrogativas diretas (3,7% vs. 1,8%), que não se observa no PB (2,5% em ambos os tipos de interrogativas).

Quanto às construções do grupo D (*qual* isolado no constituinte interrogativo), apenas observarei que elas são usadas, tanto em PE como em PB, com taxas de frequências baixas, e também muito semelhantes nas duas variedades: em PE 0,6% e em PB 0,4% (do total de interrogativas com *qual*). Observa-se, em ambas as variedades uma pequena diferença de frequência nas interrogativas indiretas vs. interrogativas diretas (0,9% vs. 0,2-0,4%).¹³

Quanto às construções do grupo A (predicações equativas, ou identificacionais), são sem dúvida aquelas em que o morfema interrogativo *qual* ocorre com maior frequência no português. No PE, as predicações equativas representam mais de 95% das construções com *qual* interrogativo, tanto nas interrogativas indiretas como diretas; já no PB, representam apenas cerca de 81% das interrogativas indiretas e de 93% das interrogativas diretas. Os valores mais baixos em PB devem-se ao facto - que explorarei melhor na secção 3 - de que no Brasil a construção de tipo C é bastante frequente (quase 16% das interrogativas indiretas e quase 5% das interrogativas diretas), ao passo que esta construção tem

¹³ Em conformidade com o que foi mencionado no final da secção 1, a propósito da frase (25), as orações reduzidas a constituintes interrogativos não preposicionados (*qual* ou *quais*) foram integradas no grupo A (onde o seu número está registado entre parênteses curvos). Se considerássemos também essas estruturas no grupo D, a taxa de prevalência deste grupo seria de 3,8% para o PE (4,4% nas interrogativas indiretas, 3,0% nas diretas) e 2,4% para o PB (4,0% na interrogativas indiretas, 1,9% nas diretas).

em PE um uso quase residual (< 0,5% e < 2%, respetivamente). Vejam-se exemplos de construções equativas em interrogativas diretas - cf. (26) - e indiretas - cf. (27) - sem e com omissão do verbo *ser* de identidade (nas alíneas *a* e *b*, respetivamente), no CETEMPúblico:

(26) a. "Quais são as suas modalidades desportivas favoritas?"

(CETEMPúblico, ext1497936-des-91b-2)

b. "Quais as suas influências no campo da pintura?"

(CETEMPúblico, ext552-clt-94a-2)

(27) a. "Se alguém me perguntasse qual é a melhor banda do concelho

(...), não ia dizer que fosse a de Almoçageme.

(CETEMPúblico, ext1094392-nd-91b-1)

b. "Quando me perguntaram qual a melhor localização para a ponte

(...), defendi que seria aquela que o ordenamento do território

ordenasse (...)." (CETEMPúblico, ext767923-eco-95a-1)

Nas pesquisas realizadas para o Quadro 1, a taxa de omissão do verbo copulativo em predicacões equativas é globalmente bastante elevada, tanto no CETEMPúblico como no NILC/São Carlos, embora seja menor no primeiro *corpus*: 35% [PE] vs. 49% [PB], respetivamente (ou 33% [PE] vs. 48% [PB], se considerarmos só as predicacões com os dois SNs realizados). Comparando as interrogativas indiretas com as diretas, observam-se curiosas diferenças entre PE e PB: no CETEMPúblico, a taxa de omissão de *ser* em interrogativas indiretas equativas é maior do que em interrogativas diretas equativas (49% vs. 29%, ou 47% vs. 27% se considerarmos só as predicacões com os dois SNs realizados); no NILC/São Carlos, é o inverso: a taxa de omissão de *ser* em interrogativas indiretas equativas é menor que em interrogativas diretas equativas (41% vs. 51%, ou 39% vs. 51% se considerarmos só as predicacões com os dois SNs realizados). A maior diferença PE/PB observa-se nas interrogativas diretas: enquanto que no CETEMPúblico só se usam interrogativas elípticas do tipo de (26b) em 27% dos casos, no NILC/São Carlos usam-se em 51% dos casos.

A taxa de omissão do segundo SN em predicacões equativas, como em (12)

e (13) acima ([*vários projetos vão ser financiados*] o *diretor perguntou* {*quais são / quais*}), não está representada no Quadro 1. Por curiosidade, apurei-a, mas só em interrogativas indiretas: no CETEMPúblico é de 6,4% (5,7% nas estruturas com *ser* e 7,6% nas estruturas sem *ser*); no NILC/São Carlos é de 8,3% (7,7% nas estruturas com *ser* e 9,2% nas estruturas sem *ser*).

Para concluir esta subsecção, referirei dois aspetos gerais, envolvendo os quatro grupos de construções: truncamento após o constituinte interrogativo (*sluicing*) e inserção de *é que* (este último não representado no Quadro 1).

Globalmente, a percentagem de interrogativas que estão reduzidas ao constituinte interrogativo, no volume total de interrogativas com *qual*, é ligeiramente maior no CETEMPúblico do que no NILC/São Carlos: 4,3% (521 registos) [PE] vs. 3,1% (89 registos) [PB], respetivamente. Em PE, é ligeiramente mais baixa nas interrogativas indiretas que nas diretas (3,7% vs. 4,6%, respetivamente). Em PB, é o inverso: é ligeiramente mais alta nas interrogativas indiretas que nas diretas (4,1% vs. 2,7%, respetivamente). A questão do truncamento após o constituinte interrogativo tem especial relevância para as construções do grupo C e a variação PE/PB em interrogativas diretas, e voltarei a ela adiante, na secção 3.

Uma curiosidade que os dados de *corpora* revelam é que, em orações com *qual* e no tipo de registo jornalístico em apreço, a inserção da sequência *é que* é extremamente infrequente. No NILC/São Carlos, a inserção de *é que* em interrogativas com *qual* nunca ocorre (mesmo em pesquisas mais alargadas, sem restrições).¹⁴ No CETEMPúblico, a combinação de *qual* e *é que* é residual: em interrogativas indiretas há apenas 19 registos (0,5% do total de interrogativas desta classe), distribuídos de forma muito distinta pelos grupos A, B e D: A (5 ocorrências, 0,1% dos registos deste grupo), B (7 ocorrências, 4,9% dos registos deste grupo), D (7 ocorrências, 20% dos registos deste grupo); em interrogativas diretas, o uso é ainda mais infrequente - há apenas 18 registos (0,2% do total de interrogativas desta classe), distribuídos da seguinte forma pelos grupos A, B e D: A (8 ocorrências, 0,1% dos registos do grupo), B (5 ocorrências, 3,3% dos registos do

¹⁴ Mesmo no muito mais extenso Corpus Brasileiro (da Linguatca), com 908 milhões de palavras, que inclui registos muito informais, há apenas 13 excertos com *qual* interrogativo e inserção de *é que* (7 no grupo A, 3 no grupo B e 3 no grupo C).

grupo), D (5 ocorrências, 13,5% dos registos do grupo). É certamente uma questão de registo, já que na oralidade a construção *qual... é que* não é incomum (em PE) – e.g. *Não sei qual é que é o teu problema! Para de me chatear!* Na sua secção sobre interrogativas com inserção de *é que*, Barbosa, Santos & Veloso (2013: 2545-2547) observam, de forma genérica (não especificamente para o morfema *qual*) e sem aduzir dados: “a inserção da sequência *é que* nas orações interrogativas parciais (...) é cada vez mais frequente em português, exceção feita a registos formais, altamente cuidados”.

3. Qual adnominal - um caso particularmente interessante de variação PE/PB

3.1. Primeira análise dos dados do Quadro 1 relativos ao grupo C

No que respeita ao uso de *qual* adnominal, há dois parâmetros gramaticais que têm uma importância fundamental: o primeiro, e mais importante, é o truncamento ou não da frase após o constituinte interrogativo; o segundo é o estatuto de interrogativa indireta ou direta da oração. Alguns outros parâmetros, que também parecem importantes, mas têm menor peso, serão discutidos na secção 3.2.

Começamos pelas estruturas sem truncamento após o constituinte interrogativo. Os dados do Quadro 1 confirmam o uso quase residual em PE de *qual* N' sem esse truncamento, como em (18) e (19) acima (*o diretor perguntou {quais projetos vão ser financiados / a quais projetos iria ser atribuído financiamento}*). Isto acontece tanto em interrogativas indiretas (7 registos, 0,2% do total de interrogativas dessa classe) como em interrogativas diretas (7 registos, 0,1% do total de interrogativas dessa classe). Vejam-se dois exemplos (com constituintes interrogativos não preposicionados e sem retoma anafórica, que são a forma mais rara, e potencialmente sentida como menos natural pelos falantes portugueses):

- (28) “É preciso saber quais técnicas a Renamo usou para manter a sua posição.” (CETEMPúblico, ext126814-pol-92a-1)

- (29) “Quais informações são acrescentadas na edição portuguesa de «Banqueiros de Rapina» em relação ao «caso Totta?»”
(CETEMPúblico, ext1048412-eco-94b-1)

Este uso infrequente contrasta com a elevadíssima frequência das estruturas em causa em PB: 108 interrogativas indiretas (14,8% do total de interrogativas dessa classe) e 77 interrogativas diretas (3,6% do total de interrogativas dessa classe), nas pesquisas efetuadas no NILC-São Carlos. Tendo em conta que o NILC/São Carlos é um *corpus* 5,74 vezes mais pequeno que o CETEMPúblico, isto representa uma frequência da construção no PB 89 e 63 vezes maior que no PE para as interrogativas indiretas e diretas, respetivamente. Com efeito, interrogativas genuinamente abertas do tipo das de (30) e (31), comuns em PB, não seriam naturalmente feitas por jornalistas portugueses, que usam prototipicamente *que N'* nestes casos. Interrogativas subordinadas do tipo de (32) também não são comumente escritas por jornalistas portugueses.

- (30) “Folha - Quais poetas influenciaram seu trabalho?”
(NILC/São Carlos, par=Ilustrada--94a-1)
- (31) “Os bairros (...) estão localizados próximos (...) ao Terminal Marítimo da Petrobrás. Quais medidas de segurança são tomadas para evitar problemas?” (NILC/São Carlos, par=Cotidiano--94b-2)
- (32) “Perguntados sobre quais instruções o técnico dava aos jogadores, nenhum quis responder.” (NILC/São Carlos, par=Esporte--94b-1)

A pesquisa no NILC/São Carlos revelou ainda 2 registos de construções com presença da forma *que* equivalente a *é que*, que não existe em PE, e creio ser mais característica do PB oral informal (havendo no exemplo (33a), adicionalmente, supressão da preposição argumental, *com*):

- (33) a. “Folha - Qual estilista brasileiro que você mais se identifica?”
(NILC/São Carlos, par=Ilustrada--94b-2)

b. “Qual máquina que está sendo usada?”

(NILC/São Carlos, par=Especial--94a-1)

Vejam agora as estruturas com truncamento da sequência após o constituinte interrogativo. Os dados do Quadro 1 mostram que o uso de *qual N'* com esse truncamento, como em (20a) e (21a) acima ([*vários projetos vão ser financiados*] o diretor perguntou *quais projetos* / [*vai ser atribuído financiamento a vários projetos*] o diretor perguntou a *quais projetos*), parece ser relativamente raro em interrogativas indiretas, tanto no PE (3 registos, 0,1% do total de interrogativas dessa classe) como no PB (8 registos, 1,1% do total de interrogativas dessa classe; ainda assim, 15 vezes mais frequente do que em PE). Veja-se um exemplo desta construção, que envolve sempre retoma anafórica, no CETEMPúblico:

(34) “Veio a minha casa e disse-me que tinha de mudar o sítio do barco para perto de umas laranjeiras, mas não me disse quais laranjeiras.”

(CETEMPúblico, ext157315-soc-94a-1)

Já em interrogativas diretas com constituinte não preposicionado e truncamento do resto da frase, como em (20b) e (21b) acima ([A - *Vários projetos vão ser financiados*] B - *Quais projetos?* / [A - *Vai ser atribuído financiamento a vários projetos*] B - *A quais projetos?*), a situação é muito distinta. Neste caso, há no CETEMPúblico 147 registos (1,8% do total de interrogativas diretas com *qual*). Trata-se de facto de uma construção de elevada frequência em PE contemporâneo.

(35) “(...) o entrevistador perguntará (...): «O senhor (...) ouviu rádio, ontem, entre as 7 e as 10 horas da manhã?» Se a resposta for sim, perguntar-se-á: «Qual rádio?»” (CETEMPúblico, ext1396150-nd-91a-2)

Interessantemente, muitos dos registos desta construção do CETEMPúblico (não contei quantos) correspondem não a interrogativas puras (isto é, interrogativas genuinamente abertas, em que se espera uma resposta de instanciação da variável

representada por *qual*), mas a interrogativas retóricas ou afins.¹⁵ Vejam-se dois exemplos:

(36) “Crise? Qual crise? Os primeiros três meses deste ano, na Europa, foram dos melhores de sempre para os fabricantes de microcomputadores (...).” (CETEMPúblico, ext418755-clt-soc-93a-1)

(37) “«Qual dívida?», pergunta-lhe o governador, «você não tem dívida nenhuma.»” (CETEMPúblico, ext1472082-soc-95a-1)

No NILC/São Carlos, identificaram-se apenas 19 interrogativas diretas com constituinte não preposicionado *qual N'* e truncamento do resto da frase, o que, tendo em conta o tamanho dos *corpora*, dá uma frequência menor no PB para esta construção (1,3 vezes menor). Há ainda a registar que neste *corpus* praticamente não aparece o tipo de interrogativas retóricas ilustradas em (36)-(37), que são muito comuns em PE. Porventura, este facto explica parte da diferença de frequência; deixo a apreciação desta conjectura para investigação futura.

3.2. Para uma análise mais fina dos dados do Quadro 1 relativos ao grupo C em português europeu

Globalmente, o uso de *qual N'* sem truncamento após o constituinte interrogativo em PE é relativamente raro e as construções afiguram-se por vezes como pouco naturais, face às suas alternativas com *que N'*, como acontece com (28) e (29) acima. Porém, observando mais atentamente os dados, verifica-se que a sensação de falta de naturalidade nem sempre surge (aliás, como veremos, ela raramente surge nos exemplos concretos encontrados no CETEMPúblico). Assim, é importante fazer uma análise mais fina dos resultados, de modo a verificar quais os fatores gramaticais favorecedores da construção em PE.

Para tal, considereei a pesquisa de interrogativas diretas realizada para o Quadro 1, que é muito abrangente, e alarguei a pesquisa das interrogativas

¹⁵ Cf. Barbosa, Santos & Veloso (2013: 2547-2551), para uma distinção entre “interrogativas puras” e “interrogativas não puras” (de quatro classes: “eco”, “sem resposta”, “retóricas” e “de surpresa”).

indiretas, do seguinte modo:¹⁶

Pesquisa 2' (conjunto de *queries* que captam uma amostra extensa de interrogativas indiretas; pesquisas com menos restrições que a Pesquisa 2, referida na secção 2.1). Sequências com quaisquer verbos, nomes ou adjetivos imediatamente seguidos do morfema interrogativo *qual* - ou separados dele por uma preposição - imediatamente seguido por um nome: [pos="V.*|ADJ.*|N.*"] "qual|quais" [pos="N.*" & pos!="NUM.*"]; [pos="V.*|ADJ.*|N.*"] [pos="PRP.*"] "qual|quais" [pos="N.*" & pos!="NUM.*"].

Esta pesquisa alargada gerou um total de 14 registos de *qual N'* sem truncamento após o constituinte interrogativo, isto é, mais 7 que os encontrados na Pesquisa 2, o que constitui um número extremamente baixo de ocorrências. Nesta secção, farei uma análise das 21 interrogativas com *qual N'* sem truncamento após o constituinte interrogativo (14 indiretas e 7 diretas) encontradas nas Pesquisas 1 e 2', no CETEMPúblico.

O que a observação dos exemplos mostra é que é necessário ter em conta certos parâmetros adicionais, já que parece haver fatores favorecedores do uso de *qual N'* na variedade europeia, que tornam as construções naturais mesmo em PE. Referirei aqui três fatores que se destacam. Só um deles está contemplado no Quadro 1 e começo por esse.

Fator 1. Presença de preposições no constituinte interrogativo.

A meu ver, a presença de uma preposição no constituinte interrogativo torna as frases com *qual N'* sem truncamento após esse constituinte ligeiramente mais naturais que as contrapartidas sem preposição. Sintomaticamente, dos 21 registos desta construção no CETEMPúblico, 9 (42%) têm constituintes interrogativos preposicionados.

¹⁶ Esta pesquisa capta certamente uma percentagem muito elevada do total das construções existentes no *corpus*, só não captando as que têm elementos intercalados, e.g. *perguntar [a alguém] qual N'*; *saber [talvez] qual N'*.

- (38) “Mas se me perguntar se já tenho assegurado um jogador de nível mundial para a posição do Ricardo, isso é verdade. Só não sei em qual clube vai jogar.” (CETEMPúblico, ext666772-des-91b-1)
- (39) “Por quais regiões da antiga Jugoslávia andou?”
(CETEMPúblico, ext950404-nd-95b-1)

Fator 2. Explicitação de alternativas de resposta (“interrogativas alternativas”)

Huddleston (2002: 867ss.) propõe uma classificação tripartida das orações interrogativas, que integra, além das “interrogativas polares” - de resposta fechada: sim, não (*Is it breathing?*) - e das “interrogativas variáveis” - de resposta genuinamente aberta (*Why isn't it moving?*), uma terceira classe, de “interrogativas alternativas” - de resposta condicionada, com explicitação de um conjunto de alternativas na própria interrogativa: *Is it alive or dead?* (p. 867), *Would you like to meet in the morning, the afternoon, or the evening?* (p. 868). Os exemplos de Huddleston (2002) são todos sem elementos pronominais, mas as interrogativas pronominais podem igualmente explicitar alternativas. É o que acontece com *qual*: *qual das datas preferes, dia 21 ou dia 23?* (*qual* partitivo); *qual é a origem do problema, fungos ou bactérias?* (*qual* em predicções equativas). Ora, curiosamente, *qual* adnominal funciona com plena naturalidade, creio, em interrogativas alternativas em PE contemporâneo:

- (40) “Inquirido por qual banda optaria - Heróis ou Madredeus - se voltasse à estaca zero, responde: «Depende do ano (...).»”
(CETEMPúblico, ext1553333-nd-91b-2)
- (41) “Qual adversário teme mais: Carlos Pimenta ou Ferreira do Amaral?”
(CETEMPúblico, ext1328404-soc-92a-2)

Dos 21 registos de *qual* N' encontrados no CETEMPúblico, 2 são deste tipo, que não é muito frequente.

Fator 3. Presença de elementos nominais que estabelecem cadeias anafóricas com (*qual*) N'.

Nos exemplos portugueses (28)-(29) e brasileiros (30)-(32), há interrogativas genuinamente abertas, em que - adicionalmente - o constituinte interrogativo não remete para nenhum elemento nominal já previamente mencionado no discurso. Este é o tipo que creio causar maior estranheza em PE. Quando há uma expressão nominal na frase precedente que estabelece uma cadeia anafórica (mais direta - cf. (42)-(43) - ou mais indireta - cf. (44)) com a parte nominal expressa no constituinte interrogativo, a naturalidade aumenta.

(42) "As injúrias à autoridade não contam porque a autoridade não soube explicar qual autoridade foi injuriada."

(CETEMPúblico, ext710243-soc-91b-2)

(43) "A senhora abre a porta e atira o insulto: «Vão mas é para a vossa terra (...)!» Os jovens reagem aos gritos: Os jovens reagem aos gritos: «Qual terra é essa?»" (CETEMPúblico, ext749640-soc-93b-1)

(44) "Não havia dia que a senhora não visitasse o cemitério (...). Donalena (...) desomenageava a morte. Como? Ela não sabia qual campa devia honrar. Cada vez se joelhava numa diferente."

(CETEMPúblico, ext1518852-nd-94b-1)

Dos 21 registos de *qual* N' sem truncamento após o constituinte interrogativo encontrados no CETEMPúblico, pelo menos 12 integram este tipo de ligação anafórica. Em 3 destes registos - como que combinando os fatores 2 e 3 -, a parte nominal que cria a relação anafórica contém um conjunto de alternativas (podendo a estrutura ser, neste caso, facilmente parafraseável por uma construção partitiva, *qual de SN*):

(45) "A ideia é (...) formar vários grupos (...) e administrar metadona, heroína ou morfina de formas diferentes. Algumas vezes o paciente sabe qual produto recebe, outras não."

(CETEMPúblico, ext312439-soc-93b-1)

Sem nenhum dos fatores acima referidos, o número de ocorrências para as pesquisas muito abrangentes feitas no CETEMPúblico, um *corpus* de quase 200 milhões de palavras, é absolutamente residual, consistindo essencialmente nos exemplos (28) e (29).¹⁷

3.3. Dados do *corpus* Vercial

A compreensão plena dos aspetos gramaticais em discussão ganhará certamente com uma investigação aturada sobre mudança linguística, que não é possível realizar aqui. Porventura, algumas diferenças sinalizam evoluções divergentes das duas variedades da língua, a portuguesa e a brasileira. Não sendo possível realizar tal investigação, pareceu-me, no entanto, interessante comparar os dados apurados no CETEMPúblico com os usos documentados em texto literário português, mais antigo. Realizei no *corpus* Vercial (com cerca de 14 milhões de palavras de texto literário português, dos séculos XVI a XX) também a Pesquisa 1 e a Pesquisa 2'. O resultado foi 84 interrogativas com *qual* N' sem truncamento após o constituinte interrogativo: 48 indiretas e 36 diretas. Destas, 21 (25%) têm constituintes interrogativos preposicionados (10 indiretas e 11 diretas), 5 são interrogativas alternativas (1 indireta e 4 diretas), como as de (40)-(41) - cf. (46) -, e muitas têm antecedentes nominais e ligações anafóricas, como as de (42)-(43). Ou seja, os fatores 1 a 3 referidos na secção 3.2 parecem ser pertinentes.

¹⁷ Há um outro, em discurso direto, que parece não representar português europeu padrão, mas porventura português brasileiro: "E é isto, mano. Me explique, caso lhe chegue o entendimento. Eu não sei *qual pensamento hei-de escolher*." (CETEMPúblico, ext1312613-clt-94a-2).

- (46) "Qual refúgio lhe oferecerá a religião; refúgio imediato, sólido, esperançoso?" (Alexandre Herculano, *O Pároco de Aldeia*, 1851)

Porém, sobejam ainda pelo menos uma trintena de exemplos de interrogativas (indiretas - cf. (47) - e diretas - cf. (48)-(49)) que documentam a sintaxe que parece ter caído em desuso em Portugal e ter sido mantida no Brasil. Muitas das interrogativas são porém retóricas (cf. (49)), um fator cujo peso não avaliarei aqui, mas que interessará aquilatar em trabalhos futuros.

- (47) "Era necessário que as monjas soubessem qual futuro as aguardava."
(Alexandre Herculano, *Eurico, o Presbítero*, 1844)
- (48) "- Que novas nos trazes, Velido? Qual caminho seguem os árabes?"
(Alexandre Herculano, *Eurico o Presbítero*, 1844)
- (49) "(...) quem saberá contar as tuas horas excruciantes?
Quais almas descerão do teu Calvário com o segredo dos teus suplícios?!" (Camilo Castelo Branco, *Noites de Lamego*, 1872)

3.4. A competição entre *qual* adnominal e *que* adnominal

Na generalidade dos contextos, *que* N' pode ser utilizado como um equivalente de *qual* N',¹⁸ sendo a opção pela primeira forma praticamente a única utilizada em português europeu contemporâneo em contextos com a frase interrogativa não truncada.

Para avaliar a prevalência em PB de *que* N' vs. *qual* N', fiz no NILC-São Carlos duas subpesquisas das pesquisas realizadas para o Quadro 1.¹⁹ Os resultados

¹⁸ Já *qual* N' nem sempre pode ser utilizado como um equivalente de *que* N'. Isso acontece, por exemplo, quando *que* opera como um quantificador de medição - cf. Brito, 2003: 464, n. 33, sobre a frase *que vinho trago?*, que equivale, numa das suas leituras, não parafraseável com *qual*, a *que quantidade de vinho trago?* ou *quanto vinho trago?* Ignorarei aqui os valores claramente quantitativos (não identificativos) de *que* N'.

¹⁹ Subpesquisa 1: interrogativas diretas com morfema interrogativo escrito com maiúscula e com constituinte interrogativo não preposicionado - 74 interrogativas com *qual* N' vs. 703 interrogativas com *que* N' (90%). Subpesquisa 2: interrogativas indiretas imediatamente adjacentes a *perguntar*, *saber* ou *dizer* com constituinte interrogativo preposicionado (e ainda com constituinte interrogativo não preposicionado, no caso de *perguntar*) - 26 interrogativas com *qual* N' vs. 204 interrogativas com *que* N' (89%).

revelaram uma proporção de 90 % de *que* N' (907 registos) e 10% de *qual* N' (100 registos). Ou seja, apesar de a construção com *qual* N' se manter muito comum, a construção equivalente com *que* N' é claramente predominante em PB contemporâneo. Observe-se a competição de formas no NILC/São Carlos:

(50) “- Quais políticas o sr. adotará para a pequena empresa, caso seja eleito presidente?” (NILC/São Carlos, par=Brasil--94b-1)

(51) “- Que alianças o sr. fará para o segundo turno?” (NILC/São Carlos, par=Especial--94a-2)

A análise dos dados destas duas subpesquisas revela ainda uma clara diferença entre PE e PB quanto à inserção de *é que*. No NILC/São Carlos, observa-se uma quase ausência de inserção de *é que* também nas construções com *que* N': das 907 interrogativas com *que* N' obtidas nas duas subpesquisas referidas, apenas 1 usa *é que* (e 1 a sua forma truncada *que*, do tipo de (33) acima).²⁰ Ou seja, a situação não é muito diferente da observada com *qual* N', onde a inserção de *é que* nunca ocorre. Já no CETEMPúblico, considerando as mesmas subpesquisas, há uma taxa de inserção de *é que* em interrogativas com *que* N' de 7,1% (115 registos) para as interrogativas indiretas e 4,7% (≈171 registos) para as interrogativas diretas (7,9% e 5,8%, respetivamente, se considerarmos apenas as interrogativas sem truncamento após o constituinte interrogativo).²¹ Observa-se pois que, no CETEMPúblico, a taxa de inserção de *é que* em interrogativas com *que* N' é significativamente maior que a observada nas interrogativas com *qual* nas suas diversas ocorrências (*qual é que ser SN*, *qual de SN é que*, *qual* [N*] *é que*), que é próxima de 0,5% nesse mesmo corpus (e *é*, portanto, muito infrequente no registo jornalístico em apreço).

²⁰ Mesmo no muito mais extenso Corpus Brasileiro (da Linguateca), com 908 milhões de palavras e muitos registos informais, só há cerca de 32 registos de interrogativas com *que* N' e inserção de *é que*.

²¹ No caso das interrogativas diretas, valor projetado a partir da análise dos primeiros 500 resultados da pesquisa "Que" [pos="N.*" & pos!="NUM.*"] (que gera 6108 resultados, incluindo relevantes e não relevantes).

Conclusões

Neste trabalho, foi observada a distribuição de *qual* interrogativo em quatro grandes tipos de contextos. Verificou-se uma forte predominância do uso deste morfema em predicções equativas, em ambas as variedades da língua: 96% e 90% dos registos de *qual* interrogativo no CETEMPúblico e no NILC/São Carlos, respetivamente. Das predicções equativas, cerca de um terço no CETEMPúblico e de metade no NILC/São Carlos apresentam omissão do verbo *ser*.

Observou-se ainda uma diferença significativa entre o PE e o PB no uso de *qual* adnominal, forma equivalente a - e em competição com - *que* adnominal. No PB documentado no NILC/São Carlos, a forma *qual* N' é escolhida em 10% dos casos e *que* N' nos restantes 90% dos casos; *qual* N' representa 16% dos usos de *qual* em interrogativas indiretas, a classe em que o seu uso é mais comum, e 5% dos usos de *qual* em interrogativas diretas. Nas pesquisas efetuadas, encontrou-se um total de 212 registos, 185 dos quais (87%) não envolvem truncamento da frase após o constituinte interrogativo.

No PE documentado no CETEMPúblico, a forma *qual* N' em estruturas sem truncamento é extremamente rara (0,1% do total de interrogativas com *qual*) e está por vezes associada a uma sensação de falta de naturalidade; há, porém, vários fatores que favorecem o uso de *qual* N' sem truncamento em PE: a presença de preposições no constituinte interrogativo, a explicitação de alternativas de resposta e o estabelecimento de ligações anafóricas a expressões nominais precedentes. As formas sem truncamento e sem nenhum dos três fatores favorecedores praticamente não ocorrem em PE (mas são bastante comuns em PB - cf. (30)-(32)). A forma *qual* N' só tem expressão significativa em PE contemporâneo em interrogativas diretas com truncamento após o constituinte interrogativo (principalmente com constituintes interrogativos não preposicionados), representando esta forma 1,3% do total de interrogativas diretas com *qual* no corpus.

Referências

- Baker, C. L. (1968). *Indirect questions in English*. [Unpublished PhD Dissertation]. University of Illinois.
- Barbosa, P., Santos, P., & Veloso R. (2013). Tipo de frase e força ilocutória. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, A. Mendes (Orgs.). *Gramática do Português* (pp. 2515-2586). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brito, A. M. (2003). Frases interrogativas. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário, & A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª ed., pp. 460-479). Editorial Caminho.
- Fava, E. (1995). Il tipo interrogativo. In L. Renzi, G. Salvi & A. Cardinaletti (Orgs.), *Grande Grammatica Italiana di Consultazione III* (pp. 70-127). Il Mulino.
- Figueiredo, J. M. N. & Ferreira, A. G. (1973). *Compêndio de Gramática Portuguesa* (3ª ed). Porto Editora. (1.ª ed., Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1965)
- Grevisse, M. (1993). *Le Bon Usage. Grammaire Française* (13ª ed.). Duculot. (1.ª ed., 1936).
- Huddleston, R. (2002). Clause type and illocutionary force. In R. Huddleston, & G. K. Pullum, *The Cambridge Grammar of the English Language* (pp. 851-945). Cambridge University Press.
- Júnior, P. M. (2019). Algumas considerações sobre a sintaxe das interrogativas indiretas encobertas do português do Brasil. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, 5(2), 73-91.
- Merchant, J. (2001). *The syntax of silence: Sluicing, identity, and the theory of ellipsis*. Oxford University Press.
- Neves, M. H. M. (1999). *Gramática de usos do português*. Editora Unesp.
- Payne, J., & Huddleston, R. (2002). Nouns and Noun Phrases. In R. Huddleston & G. K. Pullum, *The Cambridge Grammar of the English Language* (pp. 323-523). Cambridge University Press.
- Peres, J. A., & Mória, T. (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Editorial Caminho (2.ª ed., 2003).
- Peres, J. A. (2013). Semântica do sintagma nominal. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, A. Mendes (Orgs.). *Gramática do Português* (pp. 735-815). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ross, J. R. (1969). Guess who? In R. Binnick, A. Davison, G. Green & J. Morgan (Eds.), *CLS 5: Papers from the fifth regional meeting of the Chicago Linguistic Society* (pp. 252-286). Chicago Linguistic Society.
- Silva Dias, A. E. (1894). *Grammatica Portugueza Elementar* (9ª ed.). A Ferreira Machado & C.ª Editores. (1.ª edição, 1876)
- Suñer, M. (1999). La subordinación sustantiva: la interrogación indirecta. In I. Bosque, & V. Demonte (Dir.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española. Real Academia Española* (pp. 2149-2195). Espasa.

Corpora online consultados

CETEMPúblico 2.0 v. 12.1, <http://www.linguateca.pt/ACDC/> [último acesso: 01.03.2024]

Corpus Brasileiro v. 7.0, <http://www.linguateca.pt/ACDC/> [último acesso: 01.03.2024]

NILC-São Carlos v. 14.2, <http://www.linguateca.pt/ACDC/> [último acesso: 01.03.2024]

Vercial v. 16.7, <http://www.linguateca.pt/ACDC/> [último acesso: 01.03.2024]